



**UMA ANÁLISE DA SÉRIE “FIRST DAY”: PROBLEMATIZANDO
GÊNERO NO ÂMBITO ESCOLAR**

**UN ANÁLISIS DE LA SERIE “FIRST DAY”: PROBLEMATIZANDO
GÉNERO EN EL ÁMBITO ESCOLAR**

**AN ANALYSIS OF THE SERIES “FIRST DAY”: PROBLEMATIZING
GENDER IN THE SCHOOL ENVIRONMENT**

*Bruna Valentim Gomes da Mota*¹

*Cleber Souza Meneses*²

*Michel Ferreira dos Reis*³

RESUMO

O artigo analisa a 1ª temporada da série australiana *First Day (Primeiro Dia)*, lançada em março de 2020, para discutir os conflitos relacionados à presença de uma adolescente trans no contexto escolar e as relações de gênero. Compreendemos “identidade” e “pertencimento” como conceitos não sólidos ou devidamente definidos e enraizados para toda a vida, mas sim flexíveis e fluidos (TODOROV, 2003). Dessa perspectiva, observamos a identidade de gênero como “performativa” (BUTLER, 2003) afirmando que a performatividade não é um “ato” singular, pois é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. A análise da série nos proporciona a reflexão sobre a vivência de uma jovem trans e os desafios para ela ser incluída na escola. Assim, consideramos a transição de gênero da adolescente um fenômeno coletivo e não apenas individual.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade de Gênero. Transgênero. Escola.

RESUMEN

El artículo analiza la 1ª temporada de la serie australiana *First Day (Primer Día)*, estrenada en marzo de 2020, para discutir los conflictos relacionados con la presencia de un adolescente trans en el contexto escolar y las relaciones de género. Entendemos “identidad” y “pertenencia” como conceptos que no son sólidos ni propiamente

¹ Graduada em Letras pela Unemat – Pontes e Lacerda/MT.

² Bolsista de Pós-doutorado Júnior do CNPq. Doutor em Sociologia (UFS). Professor na área de Educação e Sociologia na Unemat – Pontes e Lacerda/MT.

³ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP/Araraquara). Professor na área de Linguística/Língua Portuguesa na Unemat – Pontes e Lacerda/MT.

definidos y arraigados para la vida, sino más bien flexibles y fluidos (TODOROV, 2003). Desde esta perspectiva, observamos la identidad de género como “performativa” (BUTLER, 2003) afirmando que la performatividad no es un “acto” singular, pues siempre es una reiteración de una norma o conjunto de normas. El análisis de la serie nos brinda una reflexión sobre la experiencia de una joven trans y los desafíos para su inclusión escolar. Así, consideramos la transición de género del adolescente como un fenómeno colectivo y no solo individual.

PALABRAS-CLAVE: Identidad de Género. Transgénero. Escuela

ABSTRACT

The article analyzes the 1st season of the Australian series *First Day*, released in March 2020, to discuss the conflicts related to the presence of a trans teenager in the school context and gender relations. We understand “identity” and “belonging” as concepts that are not solid or properly defined and rooted for life, but rather flexible and fluid (TODOROV, 2003). From this perspective, we observe gender identity as “performative” (BUTLER, 2003) stating that performativity is not a singular “act”, as it is always a reiteration of a norm or set of norms. The analysis of the series provides us with a reflection on the experience of a trans young woman and the challenges for her to be included in school. Thus, we consider the adolescent's gender transition to be a collective phenomenon and not just an individual one.

KEYWORDS: Gender Identity; Transgender; School.

Introdução

O presente trabalho tem o objetivo de discutir os conflitos relacionados à presença de uma adolescente trans no contexto escolar e as relações de gênero por meio da série australiana *First Day*. Tendo em vista que a adolescência é uma fase de descobertas e formação de identidades, busca-se analisar o seriado e reconhecer o papel da escola e da família nessa fase de constantes descobertas.

Propomos uma análise da série, com o intuito de trazer à tona a historicidade da construção dos marcadores de gênero e apresentar os processos identitários enquanto construção social, em busca de uma discussão sobre a transgeneridade no ambiente escolar com a finalidade de suprir as lacunas que ainda cercam a temática. Assim, foi realizada uma revisão bibliográfica para compor o corpo teórico desse artigo que está distribuído nas três primeiras seções que apresenta os processos identitários, a conceituação de gênero e da análise de discurso. Para análise da série fizemos uso da Análise Crítica do Discurso e dialogamos com o referencial teórico.

Abordar esse tema e relacionar com a experiência vivida pela personagem Hanna, protagonista do seriado australiano, que apresenta muitas semelhanças com o

cenário brasileiro⁴ no que tange às questões de gênero, permitirá problematizar questões sobre como a escola tem se preparado metodologicamente para garantir a inclusão dos alunos, em específico aqueles que possuem identidades de gênero diferentes dos modelos heteronormativos.

Desse modo, o artigo se organiza em quatro grandes partes. Na primeira seção discute-se a questão do processo de formação identitária, mobilizando diversos posicionamentos teóricos na relação do indivíduo, sujeito e a significação de si e do outro. Na segunda seção, abordam-se os conceitos de gênero e sexualidade, com as contribuições principalmente de Butler (2000, 2003, 2011) e Beauvoir (1970) sobre ser masculino e feminino e sobre a identidade LGBTQIA+. Na terceira parte, são abordadas a Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX, 1988) quanto às formações sociais e às identidades, bem como a Linguística Aplicada Crítica (PENNYCOOK, 2006), como campo de estudos que visa uma crítica dos processos comunicativos e das relações mediadas pela linguagem em consonância com temáticas sociais e da educacionais.

Na última parte do texto, alguns episódios da série *First Day* são analisados conforme o recorte assumido, discutindo a construção da identidade trans da protagonista Hanna no espaço escolar. Assim exposto, passamos à primeira parte do trabalho.

Processos identitários: uma construção social

A palavra “identidade” pode ser compreendida em diferentes perspectivas, seja sociológica, epistemológica ou filosófica, de modo que tais significações são indicativas

⁴ Ao retratarmos semelhanças entre Brasil e Austrália, estamos nos referindo de uma forma genérica, partindo de algumas características que aproximam os dois países, desde a sua constituição, pois ambos são ex-colônias europeias, mas também em relação a outros fatores, tais como: são países multiculturais, possuem legislação que criminaliza a homofobia e transfobia, possuem movimentos sociais atuantes e apesar dos esforços em legitimar a diversidade sexual e a de gênero, ainda há registros de violências físicas e simbólicas contra as pessoas que fogem às normas de gênero e sexo. Muitas dessas violências acontecem no âmbito escolar provocando a “expulsão” (Bento, 2011) dessas pessoas e lhes negando o direito a estudar. A série retrata, de um modo ameno, situações que acontecem com adolescentes trans no âmbito escolar real. Situações semelhantes acontecem nas escolas brasileiras, conforme apontado pelo “estudo realizado em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) [que] aponta que dentre 120 famílias, 77,5% de crianças e adolescentes transgêneros – entre 5 e 17 anos – foram vítimas de bullying no ambiente escolar.” (SOUZA, 2021). Mas também, ao comparar o filme brasileiro “Alice Júnior” lançado em 2019, que retrata um enredo muito semelhante à série em questão, em que a protagonista é uma estudante trans que muda de escola e tem que lidar com o bullying e preconceito relacionado a sua identidade de gênero, podemos afirmar que, seja na Austrália ou seja no Brasil, romper as barreiras do gênero no ambiente escolar é uma situação complexa e cheia de desafios.

de uma complexidade acerca do tema. Ao longo do tempo o conceito de identidade passa a ganhar um sentido mais amplo e flexível, já que o termo está relacionado também com as relações sociais de cada indivíduo e não apenas como características individuais.

Para Bauman (2005), “perguntar ‘quem você é’ só faz sentido se acreditar que possa ser outra coisa além de você mesmo; só se você tem uma escolha, e só o que você escolhe depende de você” (p. 25). Sendo assim, a escolha deve vir do próprio sujeito para que ela seja “real e se sustente”, o que nos leva a ponderar que conceituar a identidade pode ser algo muito mais profundo do que parece. O ser humano está em constante mudança, mas sempre em busca de pertencer e se significar no mundo. A ideia de explorar o conceito de identidade surge da necessidade de problematizar as questões que eram antes predefinidas.

Segundo Todorov (2003), passados mais de cinco séculos do início do processo de conquista das Américas, a sociedade atual continua padecendo da mesma vontade incontrolável de nomear tudo. Essa necessidade de designar não permite aprofundar as questões que permeiam as discussões de identidade no mundo contemporâneo, pois segundo Bauman, o termo “identidade” e “pertencimento” não são sólidos ou devidamente definidos e enraizados para toda a vida, mas sim flexíveis e fluidos, são modificados através das ações de cada sujeito.

Silva (2016) acredita que devido à influência da ótica derivada da fé cristã e um modelo de organização social e política trazida pelos europeus, a alteridade é muitas vezes encarada como se fossem seres exóticos que confirmam uma série de ideias preestabelecidas e que precisam ser encaixadas em suas respectivas “caixinhas conceituais”. Com base nos conceitos de identidade no mundo contemporâneo, não é mais possível tratarmos aqui a identidade como algo inato e fixo, uma vez que as mesmas são construídas culturalmente.

A construção da identidade do sujeito inicia desde seu nascimento, tendo como primeiro exemplo a sua família, principalmente, os pais, que são com quem a criança tem mais contato no primeiro ano de vida. As demais instituições sociais, tais como, Escola, Estado, Igreja e posteriormente o Trabalho, se encarregarão dos próximos passos do processo de elaboração de quem somos. Juntamente às instituições sociais, temos a grande influência da mídia, rede de amizades e redes sociais que oportunizam o acesso a diversidade cultural e identitária, permitindo gerar o sentimento de

pertencimento ou negação perante a diversidade de possibilidades de ser e estar no mundo.

A partir do momento em que o sujeito reconhece a sua identidade, automaticamente está negando outras possibilidades, assim se afirmo que sou brasileira, significa que não sou chinesa; se digo que sou mulher, então estou negando que eu seja homem. É por isso que Silva (2000) trabalha a singularidade entre a diferença e a identidade, pois a partir do momento em que o sujeito assume uma identidade, simultaneamente nega várias outras possibilidades. Identidade e diferença são termos de criações linguísticas interdependentes relacionadas à língua e à sociedade.

Saussure (2000) define a significação de uma palavra, dada através dos signos que não possuem sentido quando analisados individualmente. O signo cadeira poderia arbitrariamente anunciar um outro objeto, por exemplo, uma porta. Ele só passa a possuir sentido quando alinhado com outras infinitas possibilidades fonéticas cuja relação entre significado e significante é construída socialmente. Então, é por meio do discurso coletivo que instituímos a significação de identidade, bem como as suas diferenças.

Já no campo dos Estudos Culturais, Stuart Hall (2003) discute as mudanças estruturais que possibilitaram as transformações das sociedades que tornaram indeterminados os conceitos como a sexualidade, etnia, classe, os quais antes possuíam significação sólida e imutável. O autor distingue três noções de identidade: o sujeito iluminista, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O primeiro, tido como sujeito iluminista é o ser centrado, cujo núcleo está nele mesmo, é uma concepção individualista sobre o sujeito e a sua identidade, ou seja, a sua identidade permanece inalterada. Por sua vez, o sujeito sociológico tem a sua identidade formada por meio da interação social, porém esse núcleo não era autossuficiente, passando a ser alterado pelos diálogos com identidades diferentes. Já o sujeito pós-moderno não possui um único e estável núcleo, pode ser composto por várias identidades, inclusive contraditórias, este sujeito não possui uma identidade fixa.

Dessa forma, identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2003), de modo que ela é definida historicamente e não biologicamente. Assim, “[...] O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.” (Hall, 2006 p. 13).

Corroborando com Hall, Bauman (2005) denomina esse período pós-moderno de “época líquido-moderna” para descrever essa liquidez na construção da identidade. O autor cita um cartaz que fora publicado pelas ruas de Berlin em 1994, em que criticava as estruturas sociais, e demonstra a fragmentação da cultura com o processo de globalização, cujo texto é “Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza é italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seu feriado, turco. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho é estrangeiro”.

A partir do questionamento de Bauman, nota-se que a globalização tem influência sobre a construção das identidades, uma vez que o desenvolvimento e a tecnologia permitem que estejamos cada vez mais conectados ao global, em contato com diferentes tipos de identidades, o que traz um afastamento do local no sentido de um único contexto.

Diante de um mundo sem estabilidade, a noção de identidade também passa a ser compreendida de modo instável. Para Bauman (1998) quando se trata de relações pessoais, vivemos hoje em instabilidade. Essa fluidez começa a ser valorizada como capacidade de adaptação de novas identidades e de liberdade. O autor defende que no mundo atual as identidades podem ser facilmente descartadas e reconstruídas, pois os valores não são mais rígidos e fixos (sólidos) como no passado. Ocorre uma crise das instituições e paradigmas, a qual Bauman descreveu como o processo de "derretimento dos sólidos", em que as funções fundamentais anteriormente ancoradas na tradição e autoridade, hoje, são consideravelmente contextualizadas. Criar uma identidade engessada nas normas e regras do passado é uma forma de limitar a liberdade. Segundo o autor, vivemos em uma “sociedade líquida” constituída por identidades e instituições fluidas que se moldam de acordo com o tempo e o espaço, o que gera insegurança, instabilidade e, ao mesmo tempo, o sentimento de liberdade.

Na área da sociologia, discute-se a identidade como construções sociais que acontecem através do discurso, afastando-se das noções essencialistas da identidade como qualidades do indivíduo. Lopes (2017, p. 19) argumenta que as identidades surgem através das concepções da linguagem, sendo “uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso de linguagem envolve ação humana em relação a alguém em um contexto interacional específico”.

Na mesma linha de pensamento de Bauman e Hall, Berger e Luckman (1995) afirmam que a identidade é formada por processos sociais que são provenientes das relações entre sujeito e sociedade. Já Castells (1992) discute identidade como um

processo individual que tem como fonte as significações para o próprio sujeito e são construídas por processos individuais.

Logo, discutir e compreender a construção da identidade é de grande relevância para a continuidade deste trabalho, uma vez que é necessário verificar os contextos históricos e as noções de construções identitárias para a formação de um discurso de gênero na atualidade.

O que, de fato, é gênero?

Gênero e sexualidade são duas identidades que permeiam o sujeito e que são construídas socioculturalmente tendo que negociar com as normas e padrões estabelecidos pela cisheteronormatividade⁵ que define o que é legítimo e o que é negado/proibido, pois segundo afirma Judith Butler (2011) “a identidade de gênero é uma realização performativa compelida pela sanção social e tabu”.

Tais padrões definem o gênero feminino e o masculino delimitando quais são os comportamentos adequados, como a maneira de falar, gesticular e de andar. Butler (2000) os identifica como “performatividade”, pois são atitudes que o sujeito adota como forma de ser aceito socialmente e, por vezes, torna-se mais uma “representação teatral” internalizada e que praticamos sem questionar, pois já naturalizamos.

A performatividade não é, assim, um “ato” singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas. Na medida em que ela adquire o status de ato presente, oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral: de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que a sua historicidade permanece dissimulada e, inversamente sua teatralidade ganha uma certa inevitabilidade, dada a impossibilidade de uma plena revelação de sua historicidade (BUTLER, 2000, p. 121).

⁵ Assemelha-se à heteronormatividade, porém, agrega outro conceito, que é cisgênero, isto é a pessoa que tem inteligibilidade entre seu sexo de nascença e sua identidade de gênero, ou seja, todas as pessoas não trans (transgênero) são cis (cisgênero). Cisgênero, cissexual ou apenas cis é identificado como uma estratégia política de tornar o(a) heterossexual e as pessoas de gênero inteligível no outro, fazendo uso da alteridade. É uma terminologia transfeminista para desnaturalizar as identidades consideradas “naturais”. Da mesma forma que a ciência criou o termo trans (já constituída com uma representação marginalizada), a população trans inverte o processo e nomeia os(as) “normais” para que possam ser analisados, questionados e objeto de crítica. É um termo da década de 90 e que também pode ser utilizado para representar os(as) não-trans. Neste trabalho será utilizado para identificar os homens e mulheres que seguem a inteligibilidade entre gênero e sexo.

Para Butler, o gênero quando “performativo” não significa quem o sujeito é, mas sim que é um produto desse sistema normativo que é imposto através da repetição. “Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2003, p. 200). A autora defende que o corpo é “uma materialidade que no mínimo traduz significado” (BUTLER, 2011, p. 72). Conseqüentemente, as identidades podem, segundo Meneses “[...] ser contraditórias, em outros momentos complementares”, habitando um mesmo corpo. A complexidade em torno do entendimento das várias possibilidades de discussão do gênero, na contemporaneidade, “transita entre o avanço e o retrocesso” (2021, p. 19). À medida em que as discussões são fomentadas, o tema alcança maior visibilidade permitindo expor as resistências sociais, violência e opressão, mas, ainda, há um grande caminho para percorrer.

Enquanto há, de um lado, o avanço na visibilidade potencializada pela mídia, redes sociais e audiovisual em relação à diversidade de gênero e sexual, temos, em mesmo grau, o avanço dos discursos reacionários e conservadores, muitas vezes pautados sob a bandeira das religiões, que combatem e negam todas as identidades que escapam da cisheteronormatividade. Muitos indivíduos que são LGBTQIA+ e fazem parte de famílias desses grupos que condenam a existência do diverso, acabam sofrendo muito mais, tendo que escolher dentre dois caminhos: afastar-se da família para viver sua identidade desviante⁶ de gênero ou sexual ou se manter sua identidade em sigilo e performar o que sua família e comunidade na qual está inserida esperam.

O psicólogo John Money foi um dos primeiros teóricos a estudar a psicologia sexual e como as construções de gênero podem afetar o indivíduo. Utilizando o termo gênero relacionado às diferenças entre o que ele chamava de sexo anatômico e de sexo psicológico, trabalhou com conceitos que fomentaram discussões referente à ideia de que não existe ligação direta entre o sexo biológico e a identidade de gênero do sujeito. Money fez sua primeira publicação sobre conceito de gênero sobre o hermafroditismo em 1955, e segundo ele, essa condição possibilitava descobrir grandes evidências do desenvolvimento sexual de modo geral. Seus primeiros resultados surgiram de um estudo de caso em que havia contradição entre o sexo gonadal e hormonal.

⁶ O termo “desviante” é utilizado nos estudos de gênero referente às identidades de gênero e sexualidades que não se enquadram no sistema cisheteronormativo.

Dessa maneira, o gênero passa a ser um conceito não mais necessariamente associado ao sexo biológico, mas, relacionado com as relações sociais do indivíduo e com as experiências adquiridas nessa vivência. Para Money, a importância dada:

a esses fatores é apenas indireta: o funcionamento hormonal desempenha o papel principal na diferenciação sexual embrionária do aparelho reprodutivo interno e das genitálias externas, e estas são um signo a partir do qual os pais e outras pessoas próximas conseguem formular o modo como designar o gênero do bebê neonato. (MONEY *et al*, 1955, p. 257)

Os primeiros anos de uma criança são baseados em apenas uma gama de signos soltos que são dados pelos primeiros aprendizados que podem ser herdados dos conceitos da família ou colhidos em outros ambientes sociais, como a comunidade ou escola. Esses signos só passaram a ter significações quando esses pequenos sujeitos passarem a decifrá-los, para somente depois iniciar a formação da identidade de gênero.

O primeiro meio social que constitui um sujeito é a família. Com ela é que se tem o primeiro contato e os aprendizados básicos como o domínio da fala e mobilidade, depois outras instâncias da sociedade são responsáveis por constituir esse sujeito, tais como: a escola, as instituições religiosas, as amizades, a cultura, a mídia, etc. Ao entendermos o gênero como identidade e que somos, assim, constituídos pelas relações sociais, a teoria de que o indivíduo nasce com a identidade de gênero definida deixa de fazer sentido. (MENESES, 2016).

No livro *O Segundo Sexo* (1970), Simone Beauvoir afirma que não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres. O que isso significa? Ela apresenta uma forma de enxergar o gênero para além do inato, como um processo em formação.

A construção de sentido sobre gênero estabelecida pela sociedade é algo tão sutil que por vezes torna-se quase imperceptível, principalmente nos momentos do cotidiano. Nessa sutileza, perpetuamos discursos patriarcados que estabelecem o que é socialmente aceito em cada gênero, pois segundo Simone Beauvoir o gênero é constituído pelo “nós” e não pelo “eu”.

Nesse ponto, é necessário diferenciar a identidade de gênero e o sexo biológico. O gênero é como o sujeito se reconhece. Butler (2011) afirma que “gênero não é de modo algum uma identidade estável ou um local de ação, do qual provêm vários atos; é antes uma identidade tenuemente constituída no tempo” (p.46), enquanto o sexo biológico refere-se às genitálias e aos aparelhos reprodutores. Segundo o Meneses (2021, p. 15) o indivíduo nasce com o sexo biológico, porém a sua identidade de gênero

só será formada através das suas experiências de vida, e essa identidade não é estática, ela pode e provavelmente sofrerá alterações de acordo com as vivências de cada um/a.

Tendo em vista que a construção da identidade ocorre mediante interações sociais em contraposição à influência cultural, é plausível postular que certas opções exercidas por um indivíduo não se revestem meramente de determinações pessoais, mas derivam intrinsecamente do ambiente social no qual estamos imersos. As atribuições de caráter, convicções e preferências que identificamos como pertencentes a nós mesmos não podem ser inteiramente qualificadas como expressões individuais autônomas; ao contrário, elas refletem os contornos da coletividade que nos envolve, e a atitude de romper com os padrões estabelecidos revela-se como um ato de coragem e resiliência perante a complexidade de ser o diferente em um mundo de iguais. Observando o gênero como uma identidade, evidencia-se o modo pelo qual ele se erige a partir das vivências acumuladas ao longo da trajetória de vida.

A heteronormatividade define crenças, valores e comportamentos, designa o certo e o errado, e trata o diferente com indiferença, bem como regulamenta o que é gênero. Assim, Guacira Louro (2000) aponta que para a heteronormatividade existem apenas dois gêneros: o masculino e o feminino e que esses gêneros estão ligados diretamente ao sexo biológico ao qual pertencem. A autora ainda afirma que a heteronormatividade só tem consistência por ser reforçada em diferentes meios sociais, o que não torna um processo natural, mas sim histórico e cultural que se fortalece por meio das relações de poder.

Este trabalho analisa os discursos sobre o gênero em um ambiente escolar a partir da representação em uma série televisiva. Geralmente, a escola é o primeiro local de contato do indivíduo com a sociedade em que tem o afastamento da família e o reconhecimento do mundo por meio de outras perspectivas. Antes mesmo de nascer, a criança tem seu gênero definido por seu órgão reprodutor e através do contato com o externo, as experiências e descobertas sobre o mundo as levam a reproduzir discurso e normas sobre a identidade de gênero, e isso pode ser percebido pelas formas com as que elas se expressam: roupas, cortes de cabelo, gestos e comportamentos. O discurso das crianças é reflexo dos ensinamentos absorvidos em seu grupo social.

Portanto, todos os questionamentos que têm sido colocados em relação a essas regras criadas pela cisheteronormatividade são problematizados pelos movimentos sociais feministas e LGBTQIA+, cuja discussão tem impactado nas políticas públicas, legislações, posicionamentos, culturas, representações e relações sociais. No entanto,

ainda não foram suficientes para rasgar esses padrões estabelecidos como verdades universais que se naturalizaram.

Para este trabalho, faz-se necessário nos debruçarmos sobre o que entendemos por transgênero⁷. É um conceito guarda-chuva que engloba várias dissidências de gênero, sejam elas funcionais ou identitárias. Ainda é um termo que não possui um consenso. Desse modo,

no campo das Identidades temos os grupos das pessoas transexuais e travestis. Em relação à funcionalidade temos os grupos das pessoas que exercem as atividades e/ou vivências como: crossdressers, drag queens, drag kings e transformistas. Dentro deste espectro temos pessoas que vivenciam uma identidade fluida (agêneros, não-binários, gênero fluido e etc.) assim como pessoas que apesar de se identificarem como pertencente ao masculino ou feminino negam as categorias homem e mulher, dentre elas algumas travestis, transfemininas e transhomens. (MENESES, 2021, p. 44).

Jaqueline de Jesus (2012), enquanto mulher trans e pesquisadora da área, reforça que a transexualidade é uma identidade, negando qualquer possibilidade de ser referenciada como uma doença mental, ou como se fosse uma escolha. Em síntese, podemos dizer que são pessoas que se identificam com a construção de gênero oposta ao que lhe foi designada ao nascer, rompendo com essa inteligibilidade que o sistema impõe entre sexo e gênero. Há uma explicação científica sobre a transgeneridade? Não, o que existem são estudos sociais, relatos, história de vida de como as pessoas transexuais experienciam esta transposição do gênero imposto.

A protagonista da série, que é objeto desta pesquisa, é uma menina trans que está vivenciando as agruras da construção de sua identidade de gênero no contexto escolar, em um idade que já é cheia de conflitos, devido à transição da fase infantil para adolescência. Além disso, ela precisa lidar com a incompreensão da sua existência por parte da comunidade estudantil. Discutiremos as situações vivenciadas por ela a partir da seção 4, mas antes debatemos sobre discurso e linguagem para guiar nossa metodologia de análise juntamente com as teorias identitárias e de gênero aqui apresentadas.

⁷ Conforme a publicação do “guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgênero, para formadores de opinião”, idealizado e desenvolvido por Jaqueline Gomes de Jesus intitulado “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos” que apresenta o conceito de transgênero de forma ampla e é dividido em duas categorias conforme a vivência do gênero (Identidade e Funcionalidade). Então, transgênero de uma perspectiva da Identidade enquadra as travestis e transexuais e da perspectiva da Funcionalidade inclui as crossdressers, drag queens, drag kings e transformistas (JESUS, 2012).

Discurso e linguagem

Percebendo as construções identitárias que perpassam pelos discursos, além de ser basilar no repasse de conhecimento no contexto escolar, vamos trazer reflexões nesta seção a esse respeito.

Em 1960, Michel Pêcheux (1938-1983), pesquisador da École Normale Supérieure em Paris, propõe a teoria de Análise de Discurso na França, tomando como base os estudos já realizados por Canguilhem e Althusser. Naquele momento, os estudos com base no estruturalismo e na gramática gerativa transformacional detinham um lugar de discussão significativo na relação de estudos da linguagem, porém, Pêcheux trouxe uma nova abordagem ao se discutir a ciência da linguagem.

Desse ponto, a linguagem não é mais concebida como sendo apenas um sistema de regras, mas passa a ser considerada em sua prática, dando valor ao simbólico e à divisão política de sentidos, já que o sentido é instável. Dessa maneira, o objeto do discurso deixa de ser a frase e passa a ser o discurso na língua. A partir da obra publicada por Michel Pêcheux, *Análise Automática do Discurso* (1996), o sujeito é trazido para o centro da discussão, não qualquer, mas aquele do inconsciente e, da linguagem, que é interpelado pela ideologia, sendo descentrado e constituído pela linguagem.

Nesse sentido, a análise de discurso de vertente francesa se constitui como uma disciplina de junção em que se agregam o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. A primeira é a teoria das formações sociais, e nela está inclusa a ideologia; a segunda como a teoria dos processos e da enunciação, e a terceira como determinação histórica dos processos semânticos. Todos esses elementos são permeados por uma teoria não subjetiva de ordem psicanalítica, pois o sujeito é afetado pelo inconsciente.

Com a teoria de Pêcheux, o sentido não está claro e nem óbvio, é necessário considerar o que está para além da leitura de conteúdo dos textos. Nesse caso, podemos buscar pistas para outros elementos como a formação discursiva e a ideologia. Segundo Orlandi (2012, p. 1), “a formação discursiva é a projeção da ideologia no dizer”. O sentido resulta da sua inscrição em uma formação discursiva, pois uma mesma palavra varia de uma formação discursiva para outra. Assim, deve-se definir o sujeito em uma ou outra formação discursiva.

A posição-sujeito é configurada como um objeto imaginário que ocupa um espaço no processo discursivo. Desse modo, o sujeito não é um, mas sim se comporta

com diferentes posições-sujeitos que podem variar de acordo com a formação discursiva e ideológica na qual o sujeito está inserido naquele momento. Para a Análise do Discurso, o que importa para uma análise materialista das práticas de linguagem, empregada por Pêcheux (1988), é compreender como os processos discursivos e as formações discursivas se constituem.

Isso leva ao fenômeno conhecido por alguns autores de “virada linguística” que foi o responsável pela introdução de questões discursivas nas ciências sociais, dando ênfase ao papel da linguagem e colocando o discurso como objeto de análise.

[...] a atenção que hoje se dedica ao discurso é resultado de dois movimentos consecutivos e relacionados com o pensamento ocidental do último quarto do século XX: o giro linguístico e o aumento da reflexividade social. Para os quais, aliás, a atenção ao discurso também veio contribuir. (ROJO, 2004, p. 208).

Desde então, passou-se a dar importância na análise com o intuito de estudar como os processos discursivos se constituíam o que era antes aprendido como real e sistêmico (IÑIGUEZ, 2004).

A Análise do Discurso (AD) passou, então, a ser conhecida e utilizada por diversas áreas de conhecimento como método para compreensão de fenômenos específicos de cada seguimento e de trazer novas possibilidades metodológicas e práticas, desvencilhando de ser apenas um método exclusivo da linguística.

A Linguística Aplicada (LA) é uma dessas áreas, um campo que tem o objetivo de estudo de problemas reais do uso da linguagem em práticas sociais. Inicialmente, acreditava-se que a LA tinha o objetivo de aplicar as teorias e técnicas dos estudos linguísticos para o ensino, chamada de aplicacionista. No entanto, a perspectiva de uma “ciência aplicada autoconsciente” (FILHO, 1991) é um fenômeno mais recente no Brasil, das últimas décadas, que não se vê mais subordinada às teorias linguísticas, mas fonte de criação de teorias em diálogos interdisciplinares. Assim, o corpo teórico ligado à LA vai se constituindo gradativamente em forma de modelos e paradigmas que permitem ao linguista usufruir de uma compreensão abrangente e articulada do mundo de uso de linguagem em que precisamos viver.

Com um posicionamento questionador quanto à LA, surge a Linguística Aplicada Crítica (LAC) que permite a possibilidade de discussões críticas de um novo conjunto de questões e interesses, tais como: identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo, esses que até então não era de interesses da LA. Desse modo, Pennycook (2006) distingue a LAC em quatro significados do termo crítico:

- 1) crítico no sentido de desenvolver distância crítica e objetividade;
- 2) crítico no sentido de ser relevante socialmente;
- 3) crítico seguindo a tradição neomarxista de pesquisa;
- 4) crítico como uma prática pós-moderna.

Para o autor, esses diferentes modos podem ser utilizados em domínios diversos, e ao posicionar o trabalho sob a LAC, o objetivo em questão não é definir uma disciplina fixa, mas sim criar a possibilidade de enxergar a práxis em movimento, entendendo então a LAC como uma abordagem mutável e dinâmica em relação às questões da língua em múltiplos contextos. Assim, compreende a LAC como uma forma de “antidisciplina” ou conhecimento “transgressivo”.

Ao se discutir a LAC como hipócrita pela perspectiva de Widdowson (2001), Pennycook (2006) sugere que a hipocrisia está na LA tradicional que não dá conta das questões que são pertinentes e significativas na sociedade, como discussões políticas e sociais. O autor sugere que ao se tratar de estudos pós-coloniais já foi alcançado um ponto que pode se dar como encerradas as críticas antiessencialistas e que as ações devam ser aceitas como dadas pela LAC para que finalize a luta contra a LA do século XX e passe a concentrarem no novo desenvolvimento.

Pennycook (2006), com propósito de criar base para uma nova era de pesquisas, nomeia a LA de transgressiva, termo que pode ser utilizado tanto para demarcar os instrumentos políticos e epistemológicos que visam romper as fronteiras do pensamento e da política tradicionais quanto para pensar o que não deveria ser pensado e fazer o que não deveria ser feito. O autor sugere que transgredir significa “opor, resistir e cruzar os limites opressores da dominação pela raça, gênero e classe” o que permite a construção da imagem “de professores que transgridem os limites normais da pedagogia e ensinam seus próprios alunos a transgredir: a pedagogia como transgressão” (PENNYCOOK, 2006, p. 75).

A proposta de Pennycook (1998) discute a pedagogia como forma de transgressão em que se define no pressuposto de que não basta ensinar uma língua apenas para fins comunicativos. É necessário considerar os efeitos/valores que a língua produz na sociedade, refletindo sobre como os discursos podem colaborar para a perpetuação do preconceito e discriminação, seja sobre gênero, classe social, raça e outros. Ao fazer isso, estamos atravessando barreiras e buscando uma nova forma de pensar a educação.

Tomando a ideia de que tanto a cultura quanto a aprendizagem de línguas ocorrem na relação de poder, o autor alega que enquanto o ensino “continuar a trivializar-se, recusando-se a explorar aspectos políticos e culturais da aprendizagem de língua, ele estará mais vinculado à acomodação do que a qualquer noção de acesso ao poder” (PENNYCOOK, 1998, p. 27). Sendo assim, professoras/es e pesquisadoras/es devem estar conscientes das “conexões entre o nosso trabalho e as questões mais amplas de desigualdade social”, rompendo “com os modos de investigação que sejam associais, apolíticos e a-históricos” (PENNYCOOK, 1998, p. 42-43).

Quando consideramos LAC em contexto escolar, podemos aproximá-la à educação proposta por Freire (1987), que deve promover a libertação numa concepção de problematização do ser humano em suas relações com o mundo, pois:

[...] a educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. (FREIRE, 1987, p. 67).

Dessa maneira, para Freire (1987), a educação deve ser problematizadora e responder à essência do ser da consciência, a sua intencionalidade. A educação libertadora, problematizadora, desconsidera o ato de depositar conhecimentos e valores aos educandos e permite que seja discutido questões mais amplas. O que torna a pedagogia crítica é a vontade do professor de se servir de agente catalisador das mudanças sociais. Ao educador crítico cabe a tarefa de estimular o aluno a ter visão crítica, implantar uma postura de questionamentos constantes, e é justamente por esse motivo que esse perfil de educador é uma ameaça para os poderes constituídos.

A LAC alinhada à pedagogia crítica é de grande relevância para compreender a educação como um ato político, pois como afirma Paulo Freire (2001) “a educação é um ato político e não a encarar como tal é permitir que ela sub-repticiamente legitime e reproduza a política das classes dominantes, perpetuando as desigualdades sociais” (p.12). Nesse sentido, compreender o processo educativo como uma responsabilidade compartilhada e o compromisso dos educadores/as com a justiça social, buscando agir e refletir no mundo em busca de transformação.

Dessa forma, pensamos o discurso na perspectiva de relação e interação com mundo, já que esse é construído em um contexto social cujas práticas sociais são

mediadas pela linguagem, que por sua vez tem um papel fundamental na interação social, pois é pelo viés da linguagem que se estabelecem as relações.

Analisando o objeto em trânsito

Nessa seção analisamos os aspectos voltado ao gênero na série *First Day*, tendo como base teórica a linguística aplicada crítica e as discussões em torno dos estudos de gênero, identidade e sexualidade. Assim, contextualizamos a série; em sequência, tratamos da dualidade dos discursos das diferentes instituições de ensino que a protagonista frequentou, bem como discutimos as marcas de gênero e a transição de gênero como fenômeno coletivo e não exclusivamente individual.

A série *First Day*

A série *First Day* narra a história da protagonista Hanna Bradford, interpretada por Evie Macdonald, que é uma menina trans. Foi estreada na ABC Australiana em 30 de março de 2020, e contém duas temporadas. Neste trabalho, analisamos os quatro episódios da primeira temporada em que relatam as dificuldades da garota ao entrar em uma nova escola. Dirigida por Julie Kalceff, a série teve origem como um curta-metragem que foi ao ar em 2017.

A atriz Evie Macdonald é uma menina transgênero, sendo a primeira a desempenhar um papel principal em um programa australiano. Além de atriz e modelo, tem sido ativista proeminente para jovens transgêneros na frente do movimento para aumentar a conscientização e garantir os direitos para a comunidade transgênero.

Na série, Evie representa um pouco das suas próprias experiências no Ensino Médio, embora enfatize que a história de Hanna não seja uma descrição da sua. Segundo a própria atriz, mesmo que a história não seja baseada na sua vida, existem situações que a protagonista Hanna enfrenta e que ela (Evie) também já vivenciou, e acredita que a personagem foi feita para que mais pessoas trans pudessem se conectar com sua história. A construção de sua personagem se baseou em fragmentos de histórias de muitas pessoas para construir a personagem principal.

Julie Kalceff é a escritora, diretora e coprodutora da série *First Day* que lhe rendeu o prêmio no Emmy, em 2021, na categoria de melhor série live-action infantojuvenil. Kalceff é especialista em utilizar do humor para contar histórias

dramáticas, concentradas em personagens mulheres. Ela explora em seus trabalhos temas como identidade, pertencimento, comunidade e resiliência diante das diversidades.

A escolha por essa série se deu por ser uma obra que está disponível gratuitamente e traduzido para o público brasileiro, oportunizando o seu uso para debates e discussões sobre a temática. Além disso, representa a transição de gênero acontecendo no contexto escolar, mesmo que sendo retratada em um contexto cultural bem distante da cena brasileira, mas ao mesmo tempo, percebendo que quando se trata da transgeneridade esses dois países se aproximam no que tange a preconceitos e lutas. Dessa maneira, conforme já explicitado anteriormente⁸, o estudo realizado com jovens trans no contexto escolar brasileiro e o filme Alice Júnior revelam dificuldades semelhantes no cotidiano de uma jovem trans no ambiente escolar.

Duas instituições, dois discursos

Logo no início da série, nos deparamos com dois tipos de instituição de ensino: primeiro, uma escola onde Hanna frequentou o Ensino Fundamental e que não tinha nenhuma preocupação com a educação inclusiva ou amparo; segundo, a nova escola de Hanna, na qual desde o primeiro momento o diretor se posiciona como alguém em busca de conquistar uma instituição que seja um ambiente seguro e inclusivo, ainda que de maneira moderada. Isso ocorre, uma vez que a escola age de forma prudente e comedida, pois não há um enfrentamento direto e debate sobre as questões de gênero junto à comunidade educacional por parte da gestão da escola, mas ainda assim, se predispôs à flexibilidade, adaptação, respeito aos direitos individuais e inclusão da diversidade.

Na escola de Ensino Fundamental Hanna era tratada pelas/os colegas de classe como “Tomy boy”, o que nos leva a interpretar que está relacionado ao seu nome de nascimento e usado para prática de bullying, como uma forma de negar a identidade feminina com a qual Hanna passou a se identificar. Esse comportamento é reflexo de uma falta de atuação da instituição de ensino que não trabalhou com o corpo docente e discente sobre a aceitação e respeito à diversidade, mas também, proveniente da própria formação da sociedade que é constituída sob a égide da cisheteronormatividade que

⁸ Verificar nota de rodapé 4.

alimenta os setores mais conservadores. Pensando no cenário brasileiro, percebemos também a ausência do debate sobre diversidade sexual e de gênero nos cursos de formação de professores, com exceção de algumas iniciativas particulares que acontecem por meio da ação de pesquisadores/as da área quando integram a equipe de algum departamento.

FIGURA 1: Hanna sofre preconceito



Fonte: First Day (2019)

Outro ponto a ser levantado sobre essa questão é a exclusão dos assuntos relacionados a gênero e orientação sexual do PNE (Plano Nacional da Educação) e da BNCC (Base Nacional Curricular Comum) que compromete a autenticidade desses temas. No entanto, isso não implica que educadores/as estejam proibidos/as de abordá-los, uma vez que esses temas refletem as necessidades dos próprios estudantes. Além disso, tais assuntos permanecem presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), e apesar de terem sido estabelecidos há mais tempo, ainda estão em plena vigência. (SOARES, MONTEIRO, p. 2019)

Para Todorov (2003), a sociedade atual ainda padece na vontade incontrolável de nomear e justamente essa necessidade não permite que aprofundemos em discussões pertinentes à identidade. Como já mencionado, Bauman (1999) afirma que os termos “identidade” e “pertencimento” não são sólidos ou enraizados, na verdade, são fluidos e podem ser modificados ao longo da vida do sujeito.

Hanna não se reconhecia com o gênero que lhe foi imposto ao nascer, e com o apoio da família, fato a ser discutido a seguir, se tornou legitimamente Hanna. Ela agora pertence ao gênero feminino e é neste lugar que se enxerga e se ressignifica. Segundo

Bauman (2005), a identidade é uma escolha pessoal, esta escolha é dependente somente dela. Mas uma sociedade influenciada pela ótica cristã e um modelo tradicional de organização social dificultam o pertencimento e a aceitação social, principalmente quando o assunto é gênero e sexualidade⁹.

Na série, pouco é mostrado da escola de ensino fundamental onde Hanna frequentava, mas o enredo nos leva a imaginar que era uma escola que não reconhecia a identidade de gênero de Hanna. Dentre as cenas apresentadas, temos Hanna sofrendo ofensas pelas colegas e não recorrendo a ninguém dentro da instituição, o que proporciona uma atitude de defesa, que é o ato de não querer ir ao último dia de aula para não ter que enfrentar mais um dia aquela situação de violência contra sua identidade de gênero. Hanna pede à mãe: “posso ir para o trabalho com você hoje, é só o último dia não vou perder nada de interessante¹⁰”. Para um/a jovem, a transição do ensino fundamental para o médio é um período importante, o último dia de aula no Ensino Fundamental é tomado por despedidas, saudações, melancolia e nervosismo sobre a nova fase que aguarda.

Aqui no Brasil, no último dia de aula ocorre celebração, choro, risos, e o costume de escrever os nomes nos uniformes um dos outros como sinal de despedida. Hanna não participa de nada disso, não se sente incluída em nenhum desses momentos vigorantes da mudança de fase escolar, o que nos leva a perceber quão solitária ela é dentro daquele ambiente, que deveria ser acolhedor e inclusivo.

A diferença observada na segunda escola é que desde o início o diretor se comprometeu a tornar o ambiente escolar mais respeitoso com as diferenças, mas afirma que o processo não é tão rápido quanto Hanna e sua mãe gostariam. Precisam trabalhar as concepções sobre a diversidade de gênero com todo corpo escolar, incluindo os pais, as mães, alunas/os e toda equipe da escola, porque tudo deve acontecer de forma dialogada e planejada para que Hanna não seja exposta.

Uma das soluções tomadas pela escola foi disponibilizar o banheiro da enfermaria para o uso, pois para alguns pais não seria fácil aceitar o fato de Hanna utilizar o banheiro feminino, porém também não pode utilizar o masculino. Essa é uma

⁹ Miskolci e Campana em seu artigo publicado em 2017 com o título “*Ideologia de gênero*”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo apresentam os esforços da sociedade tradicional cristã que historicamente se opuseram ao avanço dos direitos reprodutivos e sexuais e posteriormente voltando-se para diversidade de gênero. O combate inicialmente ao feminismo e que depois se volta para o movimento LGBTQIA+, segundo os autores começa na Igreja Católica e ganha força com as Igrejas Evangélicas mais conservadoras se estendendo aos movimentos sociais e partidos políticos que carregam essa bandeira sob a égide das religiões cristãs.

¹⁰ Primeiro Episódio.

discussão delicada e complexa que vem sendo discutido na atualidade. Entendemos que o banheiro é dividido por identidade de gênero, pessoa trans deve utilizar como tal, mesmo em uma atualidade em que já se é possível legalmente alterar o gênero no documento de identidade, a discussão sobre qual banheiro uma pessoa trans deve utilizar ainda tem em um longo processo de conquista de direito para ser percorrido. Mais à frente¹¹, Hanna conquista o direito de usar o banheiro feminino e isso é um passo muito importante para a garota, sendo uma maneira de ela se sentir pertencente, com sua identidade de gênero respeitada e quebrando mais uma forma de segregação e preconceito¹².

Pennycook (1998) afirma que não basta ensinar apenas para fins comunicativos, é necessário considerar os valores e os efeitos que a língua produz na sociedade, refletindo sobre como os discursos podem colaborar para a perpetuação do preconceito e da discriminação, seja sobre gênero, classe social, raça e outros. O fato de Hanna poder ser ela mesma, sem definições pré-estabelecidas ou julgamentos precoces deu-lhe a oportunidade de vivenciar, pela primeira vez, experiências na escola que não seriam possíveis caso o colégio não se comprometesse com a construção de um ambiente escolar inclusivo e diverso.

No colégio, Hanna sente que pode confiar nas/os professoras/es e no diretor caso se sinta em risco. Foi isso o que fez a protagonista quando encontrou uma das garotas de sua antiga escola, agora também frequentando o novo colégio e que ameaçou contar o “segredo” que envolvia a identidade de gênero de Hanna, uma vez que na nova escola, o corpo discente e suas respectivas famílias ainda não sabiam da transgeneridade dessa aluna nova que chegou na escola. O diretor, então, esteve de olhos abertos a qualquer ação da garota que pudesse prejudicar Hanna. Um ambiente acolhedor é fundamental para possibilitar a inclusão de fato. É possível a partir de capacitações da equipe relacionadas às particularidades das diversas identidades que integram a escola, sendo uma delas a formação sobre diversidade sexual e de gênero, de modo a possibilitar que saibam lidar e acolher aqueles/as que sofrem algum tipo de preconceito, dificuldade de aceitação ou outras questões análogas.

¹¹ Terceiro Episódio.

¹² Para um debate mais aprofundado sobre os dilemas do uso do banheiro por jovens trans no âmbito escolar, recomendamos a leitura do ensaio *Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola* de autoria de Elizabete Franco Cruz, publicado em 2011. Neste estudo a autora apresenta três cenários em que o debate gira em torno da identidade trans. O cenário do curso de especialização voltado para gestores/as escolares revela a deficiência em saber lidar com esta situação e se aproxima do que as escolas da série representaram de alguma forma.

Marcas de gênero

O gênero é uma das principais formas de subjetividade, desde o início de nossa jornada na vida somos ensinadas/os como pensar, agir, e até mesmo o que sentir e quando sentir. O estereótipo de gênero é o que distingue e determina as regras sobre o que é feminino e masculino, vinculando as identidades do indivíduo às suas características sexuais biológicas.

Existem alguns marcadores de gênero que diferenciam aquilo que é de menino das coisas que são de menina, apesar de já termos inciativas contrárias a essas normas construídas e estabelecidas, seja por um oportunismo do sistema capitalista ou por um processo real de conscientização, mas ainda assim esses marcadores estão muito presentes no imaginário coletivo da nossa sociedade. Quanto a cores, temos rosa para menina e azul para o menino; quanto a brinquedos, temos carrinho para os meninos e boneca para as meninas, espada para os meninos e mini vassoura para as meninas. Anteriormente ao nascimento, esses marcadores de gênero já estão em funcionamento. Alguns podem parecer inofensivos, mas são marcas culturais binárias e que podem ser bastante problemáticas em algumas situações quando vinculadas ao gênero associado ao biológico e não ao social.

É por meio do discurso que criamos cenários na sociedade como a crença sobre o “certo” e “errado” sobre os gêneros feminino e masculino. Desde pequenos, somos ensinados a reconhecer esses marcadores e nossa vida passa a ser direcionada por esses, desde a simples escolha de uma roupa ou até mesmo de uma profissão. Estamos caminhando para que haja a quebra desses paradigmas, mas ainda é preciso continuar a se discutir e realizar críticas para a continuidade desta caminhada.

Hanna, em sua antiga escola, usava os uniformes masculinos. Geralmente, nesses colégios tradicionais o uniforme de meninos e meninas são diferentes, composto por short ou calça para os meninos e para as meninas saia ou vestido, que se assemelha a algumas instituições de ensino brasileiras que ainda adotam essa diferenciação binária nos uniformes estudantis. Esse padrão leva em consideração as vestimentas cujo a igreja determinava. Os uniformes diferenciam quem é menino e quem é menina, e no caso de Hanna, nascida com o genital que é associado ao gênero masculino (pênis), construída desde então a partir desse lugar, mas ao se desenvolver, ganha consciência e discernimento, percebendo que o gênero masculino não lhe cabia. Aos poucos foi se identificando com o gênero feminino e recebeu apoio da família para promover a

transição de gênero, fato esse que é uma exceção no universo trans, pois geralmente as famílias não aceitam, violentam ou expulsam essas pessoas de casa. E agora, o que fazer? O Tomy havia deixado de existir e a Hanna assumiu o lugar. Afinal, qual uniforme usar?

O fato de Hanna ser obrigada a se manter utilizando o uniforme masculino que não mais lhe representava se deu porque “a transição de gênero não é apenas individual, ela impacta a todos/as que estão a sua volta, pois é uma experiência social e coletiva vivenciada em diferentes contextos da vida cotidiana” (MENESES, 2021, p. 44). Não sendo apenas uma ação individual, percebemos que a escola na qual ela iniciou sua transição não transicionou junto com ela, ridicularizando-a e evidenciando sua diferença, uma vez que, em toda a escola, era a única menina a usar o uniforme masculino. Os uniformes binários são carregados de significados e trazem discursos em sua construção. Faltou nessa instituição aplicar a pedagogia da transgressão (PENNYCOOK, 1998) para promover a desconstrução do preconceito e da discriminação sobre o corpo trans.

Na escola de ensino médio, Hanna usa o uniforme feminino, porém analisando o padrão de vestimenta, se os uniformes fossem todos padronizados sem marcador de gênero, o problema não existiria. Então, algo que à primeira vista parece ser inofensivo pode gerar conflitos, não só para pessoas trans, mas para aquelas que não se sentem bem utilizando tal vestimenta e têm a obrigação de utilizá-la. A roupa que escolhe representa a sua identidade. Se esse direito de escolha lhe é negado, então não será sua identidade apresentada, e outros conflitos internos e externos podem começar a surgir a partir disso, como a segregação e a dificuldade para fazer amizades e pertencer a um grupo.

Quando Hanna chega à escola nova, logo uma garota vem conversar. Essa menina também está no seu primeiro dia e, ao abordar a Hanna, primeiramente a julgou pela roupa que está vestindo, e desse momento em diante ficou fácil para Hanna criar vínculos de amizade. Se Hanna estivesse vestida com uniforme masculino, essa aproximação despreziosa teria acontecido? Ao analisar toda a história de Hanna, podemos afirmar que a resposta é não, pois seria a primeira barreira para questionarem Hanna, criando um pré-julgamento. É menina ou menino? Isso porque as pessoas, em modo geral, tendem a ser constituídas e afetadas pelos discursos que as cercam e muitas vezes aceitam como certas verdades sem ter algum questionamento, o que nos coloca em querer ser e aceitar somente o modelo padrão social de personalidade e isso faz com que siga em negacionismo.

Em relação às amizades, Hanna logo conquista o que já mais teve, amigas. Esse grupo social é muito importante na adolescência, uma base sólida de amizade pode ajudar a se descobrir, vencer barreiras, e aproveitar melhor os momentos da vida, e viver em sociedade, pois toda amizade tem aventuras e conflitos.

FIGURA 2: Hanna e suas amigas



Fonte: First Day (2019)

O grupo de Hanna conta com mais três meninas: a partir da esquerda na figura 2, temos Olivia, Hanna, Natalie e Jasmine, cada uma com uma personalidade diferente. Juntas dividem algumas aulas e passam o intervalo conversando e planejando festas. Hanna vive em conflito por não compartilhar com suas novas amigas o seu segredo, mas ao mesmo tempo teme que ao contar, possam passar tratá-la diferente, o que de fato acontece quando a vida de Hanna é exposta de maneira dolorosa.

Mesmo que as coisas tenham se conturbado, Hanna ainda pode contar com a amizade e esse é o ciclo que só se sabe com quem se pode contar na hora da dificuldade, e no primeiro momento essa lição é aprendida pela personagem. Porém, ao longo dos episódios vemos o real motivo do preconceito de uma das amigas, a família. Por trás do discurso proferido pela amiga de Hanna, há a família dela com um discurso conservador, que mesmo conhecendo a filha e Hanna, não aceita a amizade. Por isso, aqui tratamos a família como algo primordial para a educação de uma criança e adolescente e como base para enfrentar os próprios conflitos e conviver aceitando a diversidade social.

A transição como um fenômeno coletivo

Ao afirmar que a transição é um fenômeno coletivo e não apenas individual, reiteramos que o reconhecimento depende do coletivo onde estão inseridas para legitimar a sua identidade. No caso da personagem principal, vimos que em casa, no seio familiar, essa transição já aconteceu. Nesse ambiente ela vive a sua identidade sem questionamentos ou repressão, pois a família já transicionou junto com a garota. Em outros ambientes como o karatê, um ambiente em que Hanna lida com um público da mesma idade do ambiente escolar, essa identidade também já está legitimada, pois aquele grupo social também já transicionou e dialoga com ela a partir de sua identidade feminina, e agora Hanna busca alcançar o mesmo na nova escola.

Tudo isso é um processo lento e repetitivo. Hanna precisa que cada grupo social aceite a transição para que consiga, de fato, viver de forma autêntica. Isso é o que Butler (2011) chama de performatividade, o gênero construído pelas repetições de atos e formas. O que a personagem busca agora é que essa transição ocorra no ambiente escolar, pois esse local é onde ela passará vários anos de sua vida. Desse lugar sairão os alunos para o mundo, levando consigo para a fase adulta suas experiências e aprendizados. Afirmamos isso não nos referindo apenas ao ensino em si, mas às experiências sociais aprendidas ali.

A mãe de Hanna não permite que a filha durma na casa de colegas, pois se a família da amiga em questão não sabe que ela é uma menina transgênero, e isso ocasionado pelo medo de que descubram, talvez possa sofrer algum tipo de violência. Afinal, qual seria a reação das pessoas ao descobrirem sobre Hanna? A jovem não entende muito, porque como qualquer adolescente ela só quer poder ser igual a todas as outras e fazer o que todas fazem, e ser impossibilitada a deixa chateada. Hanna vai ao aniversário de Jasmine e pela primeira vez vivencia a experiência de ir a uma festa.

Existem outras situações na série que são típicas da fase de adolescente e que para Hanna podem ser ainda mais complicadas, uma dessas é a paquera. Em uma conversa sobre a festa do pijama de Jasmine, que acontece no segundo episódio, um garoto afirma que “o Billy disse que gosta da Hanna”. Essa frase deixa a personagem pensativa, em seguida sua amiga direciona-lhe a pergunta: “Hanna, você gosta dele?” A protagonista responde, após um suspiro profundo, e fica sem reação, afinal era a primeira vez que ela se via nessa situação e como um ato de proteção responde que “não”. A amiga indaga: “Não, você não quer que eu convide ou não, você não gosta

dele?” Nesse momento Hanna parece não processar as informações e despista a conversa saindo para ir ao banheiro. Para a jovem trans, a paquera é algo muito difícil, as borboletas no estômago estão acompanhadas de insegurança sobre a aceitação e a rejeição.

A situação de rejeição vivida pela personagem, no segundo episódio, se dá quando alguém envia uma mensagem para toda a escola contando sobre o segredo de Hanna. Nesse momento, o mundo da jovem desmorona. Sozinha, começa a assistir vídeos de outra garota trans que afirma o seguinte “tudo que eu queria é ser igual a todo mundo, mas eu não sou, e quem é?”. Esse é um tópico de interessante discussão, cada pessoa é única.

Depois da situação de rejeição, a primeira pessoa que procura por Hanna é sua amiga Olívia. É a primeira pessoa para quem Hanna conta sobre ser trans, e por isso a personagem desconfiou que foi ela quem espalhou por todo o colégio. Olívia conversa mostrando que não está sozinha e tentando convencê-la para que retorne ao colégio, no entanto a garota tem muita dificuldade de enfrentar o problema e sugere inclusive mudar de colégio. Sua mãe, porém, diz “você não pode continuar fugindo para sempre” e a protagonista sabe que é verdade. Olívia faz com que chegue até Hanna as mensagens de carinho de pessoas preocupadas com ela e demonstrando apoio.

Hanna toma coragem de enfrentar a situação e retorna ao colégio, e suas duas amigas Olívia e Natalie dão apoio, mas a primeira decepção é causada quando Jasmine, a amiga da festa do pijama, diz: “você não devia guardar segredos da gente” e completa: “minha mãe disse que você deveria ter contado para a gente, assim poderíamos escolher se queríamos ser sua amiga ou não”. Hanna dá a Jasmine a opção de escolher, porém a amiga apenas sai. Aqui temos um caso de transfobia que foi incentivado pela família, pois as duas eram amigas até que descobrisse sobre a transexualidade e até que a família de Jasmine a desencorajasse da amizade. Hanna é acolhida por alguns e excluída por outros, e a maior parte daquelas/es que a exclui é quem nunca teve contato com a garota, pessoas que não a conhecem de fato.

Uma das primeiras pessoas a falar com Hanna é Billy, sua primeira paquera. Ao contrário do que ela esperava, ele demonstra preocupação e felicidade por tê-la de volta ao colégio, o que demonstra a desconstrução de conceitos heteronormativos desde cedo.

Por meio da LAC, no sentido crítico de relevância social, compreendemos que as pessoas que não aceitam Hanna não sabem de fato o motivo por não aceitarem, e se detêm ao termo transexual como um objeto e não como se tivessem ali tratando de uma

pessoa, que, como qualquer outra, tem suas qualidades e defeitos. Quando se atentam e refletem quem é Hanna e o que mudou ao descobrir que ela é uma garota trans, acontece uma cena das mais singelas de toda a série, mas carregada de potência.

A cena se passa quando Hanna viaja em um acampamento promovido pela escola. Entre os acontecimentos, o que marca é um momento em volta da fogueira onde comemoram o aniversário de Hanna, e as perguntas sem malícia ou preconceito começam a ser feitas pelas meninas do acampamento. Surgem dúvidas simples como “quando criança, você ganhava presente de menino nos seus aniversários?” e outras mais sérias “você descobriu com 9 anos que era menina?”. Essas perguntas demonstram o interesse em compreender a realidade de Hanna para além de um termo carregado de estigma.

Para a quebra do preconceito, é necessário conhecimento e nessa roda de conversa chegam os meninos e até as outras meninas que praticam bullying com quase toda a escola. Naquele momento, todos tiram as armaduras e entram em um diálogo profundo e essencial, diálogo esse que não foi importante apenas para Hanna, mas para todas/os aquelas/es adolescentes que são diferentes e ainda assim lutam para serem aceitas/os em uma comunidade em que são elas/es as/os que também excluem.

Conforme a conversa desenrola e as pessoas perguntam, a confiança de Hanna começa a aumentar. Paulo Freire (1987) discorre que a educação deve ser problematizadora, libertadora e permissível para que os estudantes possam discutir questões mais profundas e amplas. Isso ocorre na cena da fogueira e poderia ser mais usual no dia a dia da sala de aula, sendo a/o professor/a um/a agente disseminador/a da pedagogia crítica, e cabendo a ela/e a tarefa de estimular e instigar a/o aluna/o.

Por meio do diálogo trabalhado em sala, a situação enfrentada poderia ter tomado rumos diferentes, tornando possível a transição do ambiente escolar em sincronia com a sua transição, de modo a evitar a exposição da garota às formas de violência. É por meio do diálogo que Hanna conseguiu ser a representatividade trans, permitindo que outras pessoas possam também se descobrir, como na cena em que uma garota de sua turma a questiona sobre como foi o momento de transição e como ela descobriu que era na verdade uma menina. Nessa cena, a série nos dá o entendimento de que a colega de Hanna está passando pelo processo de descoberta e transição do feminino para o masculino e isso só foi possível por meio da representatividade da protagonista.

Ira Shor e Paulo Freire (1986) apresentam discussões referente ao diálogo como ferramenta importante de aprendizagem. Para os autores, o início para compreender o diálogo é não o apreender como apenas uma técnica que tem como objetivo somente resultados quantitativos no processo pedagógico, pois se visto dessa maneira esse conceito pode gerar interpretação vazia que acaba por estimular a manutenção das opressões das classes subalternizadas. Desse modo, argumentam que o diálogo

deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos! (SHOR; FREIRE, 1986, p. 167).

Assim, o ato dialogal passa a enfatizar o momento de construção interpessoal. Trata-se de um encontro temático em que as pessoas assumem o papel de atores e atrizes que podem refletir a realidade, participar desse processo, repetir práticas e ressignificá-las. É um longo processo, porém começa com a vontade de tomar sua liberdade - pensar, agir, estar em seu próprio contexto e ajudar o projeto a ressignificar a realidade. Por isso, a relevância de buscar diálogos libertadores que afirmem o potencial dos participantes para reconstruir a si mesmos e seus contextos.

Shor e Freire (1986) refletem sobre o diálogo em contextos educacionais para estimular educadoras/es e alunas/os a participarem juntas/os do processo educacional, a aprender e ensinar a partir da experiência coletiva, a tornarem-se menos hierárquicos e mais conscientes da responsabilidade individual. Dessa forma, o/a educador/a, por meio da capacidade do/a aluno/a em conhecer e modificar esse objeto, demonstra sua capacidade profissional de criar mais ao mesmo tempo em que conhece o objeto.

O quarto episódio finaliza com Hanna assumindo e sentindo orgulho de ser quem é para a comunidade escolar. Esse sentimento surge quando ela se defende da colega que vivia a ameaçando: “essa sou eu, eu não tenho mais medo”. A fisionomia de alívio da garota demonstra uma confiança de alguém que enfrentou todo processo e se sentiu acolhida pela sociedade que convive. A confiança se eleva de tal modo que a personagem passa a compreender os motivos da colega que a assediava ter tais comportamentos, essa, por sua vez, abaixa a armadura e demonstra ser uma boa garota e pela primeira vez, finalmente, deixa as ofensas de lado e começa a chamar Hanna pelo nome, transicionando com ela e reconhecendo a identidade de gênero da protagonista.

Considerações transitórias

Damos o nome de considerações transitórias, pois esse tema não se finda em discussão. Não é possível concluir algo que está sempre em transformação, considerando também que a esse trabalho ainda pode dar continuidade.

Diante do exposto, entendemos que a Linguística Aplicada Crítica é uma área de estudos que tem o intuito de analisar criticamente um problema em uma realidade. Assim, quando alinhada à pedagogia crítica, cada uma ao seu modo, auxilia na construção e problematização, bem como permite avaliar, analisar e reinventar conceitos já existentes. Para tanto, não basta assumir o compromisso da construção das teorias críticas e não levar adiante o comprometimento de transformar e reinventar, pois essa é a parte central das teorias críticas.

Na série *First Day*, apresentam-se os conflitos vivenciados por Hanna em um ambiente escolar dado ao fato da sua mudança de gênero. É por meio do discurso social que dá a criação do que é “certo” e “errado” quando falamos do feminino e masculino, e, por meio das relações de poder, tornam práticas e certos comportamentos aceitáveis e outros são considerados tabu.

Compreendemos que os processos identitários são complexos, mas não concretos, visto que estão em constante movimento de acordo com as experiências de vida da/o sujeita/o. A sociedade está em contínua transformação, no entanto, quando falamos de identidade de gênero, ainda temos um longo caminho a ser percorrido e esperamos que esse trabalho seja um estímulo para que outras pessoas queiram discutir e problematizar tais assuntos, principalmente quando relacionados ao contexto escolar. Assim, permite-se propiciar uma educação de qualidade, inclusiva, representativa e respeitosa para que tenhamos uma maior diversidade e menor índice de evasão.

Quando relacionamos a história ficcional de Hanna com a realidade brasileira, estamos analisando que as crianças e adolescentes constroem suas relações sociais e significações culturais por meio da interação umas com as outras e com os adultos com os quais convivem, que se fundamentam em elementos culturais que fazem sentido em seu cotidiano e contribuem para a formação de seus ideais e comportamentos. A repetição de padrões que foram impostos culturalmente obedece às exigências sociais que têm como consequência a formação do agir, pensar e relacionar. Este trabalho possibilitou observar diferentes formas de agir das instituições de ensino, assim como as relações do corpo discente e docente referentes às questões de gênero e diversidade.

Que as inúmeras Hannas que existem consigam trilhar os caminhos educacionais com menos violências e possam vivenciar as experiências pertinentes a toda jovem de sua idade, com conflitos, tristezas e alegrias que fazem parte da descoberta de quem é nesse universo adolescente.

Referências

- ALICE JÚNIOR. Direção: Gil Baroni. Roteiro: Luiz Bertazzo. Elenco: Anne Celestino, Emmanuel Rosset, Surya Amitrano. Beija Flor. Brasil, 2019. Netflix. 87 min.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Editora Schwarcz Companhia das Letras, 1999.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BERGER, Peter. L.; LUCKMAN, Thomas. *A construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia e Conhecimento*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Atos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). *Gênero, cultura visual e performance*. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CRUZ, Elizabete Franco. *Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola*. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo, v. 11, n. 21, p. 73-90, jun. 2011. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 11 ago. 2023.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70. 2008.
- FILHO, José Carlos Paes de Almeida. *MANEIRAS DE COMPREENDER LINGÜÍSTICA APLICADA*. *Letras* (2), 4–10, 1991. Disponível em <https://doi.org/10.5902/2176148511407>. Acesso em 17/03/2023.
- FIRST DAY [seriado]. Direção e produção: Julie Kalceff. Austrália: ABC ME, 2020. Temporada 1.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido* Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. *Política e Educação: ensaios*. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. São Paulo: DP&A, 2006.
- IÑIGUEZ, Lupicínio. A análise do discurso nas ciências sociais: variedades, tradições e práticas. In: IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Ser-Tão*, dezembro 2012. Disponível em: <http://www.sertao.ufg.br/pages/42117>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- LOURO, Guacira Lopes (Org). *O Corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-172.
- LOPES, Fábio Henrique. Possibilidades de conexão Michel Foucault, relações de gênero e estudos queer. *Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 11, n. 16, 2017.
- MENESES, Cleber Souza. O corpo abjeto na escola heteronormativa: Como os gays afeminados, travestis e transgêneros se relacionam com a Cultura da Violência nos espaços educacionais. In: I Seminário Nacional de Sociologia. Anais (on-line). UFS – São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12861/2/CorpoAbjetoEscola.pdf>. Acesso em 10 ago. 2023.
- MENESES, Cleber Souza. **Descomplicando as identidades LGBTQIA+**. 1.ed. Paulo Afonso, BA: Oxente, 2021.
- MISKOLCI, Richard.; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725–748, set. 2017.
- ORLANDI, Eni. *Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1993.
- PÊCHEUX, Michel. Discurso e Ideologia. In: *M. Pêcheux, Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (pp. 142-185). Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [Original publicado em 1975].

- PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p. 23-49.
- PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- ROJO, Luíza Martin. A fronteira interior - análise crítica do discurso: um exemplo sobre “racismo”. In: IÑIGUEZ, Lupicinio (Coord.). *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis: Vozes. 2004.
- SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves Paraíso. O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo. *Educ. Real*. [online]. 2013, vol.38, n.02, pp.603-625. Disponível em: <http://www.scilo.br/pdf/edreal/v38n2/v38n2a15.pdf> Acesso em: 17 mai 2023.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. *Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SILVA, Evandro Moreira da. *Transexualidades e travestilidades no espaço heteronormativo: da escola a quem desafia as imposições de gênero*. Belo Horizonte: UFMG, 2016.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. *Educar em Revista*, v. 35, n. 73, p. 287–305, jan. 2019.
- SOUZA, Renata. 77% dos jovens transgênero sofrem transfobia no ambiente escolar, diz estudo. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-diz-que-77-de-criancas-e-adolescentes-sofrem-transfobia-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 10 de ago. 2023.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista das américas*. 3ª ed. – Martins Fontes, 2003.
- WIDDOWSON, Henry George. *O Ensino de Línguas para a comunicação*. Campinas: Pontes, 2001.

Recebido em abril de 2023.
Aprovado em agosto de 2023.